



Reescrevendo Histórias: Narrativas da CTI em Ações Afirmativas*

Rewriting Histories: Narratives of STI in Affirmative Actions

Suely Aldir Messeder¹
Adriana dos Santos Marmori²

Resumo: Este artigo explora as interseções entre Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI) e as políticas de ações afirmativas no contexto universitário, com foco na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A narrativa parte de reflexões desenvolvidas entre 2022 e 2024, ancoradas no conceito de justiça restaurativa e na visão da CTI como um bem comum. O artigo resulta do 2º Seminário Caleidoscópio das Ações Afirmativas e visa ampliar o debate sobre a inclusão e a democratização das práticas acadêmicas. A análise é fundamentada no projeto *Caleidoscópio das Ações Afirmativas*, que investiga as transformações sociais provocadas pelas políticas de cotas nas universidades públicas brasileiras. Entre os temas abordados estão a expansão dessas ações para outros grupos vulnerabilizados, a avaliação do desempenho de cotistas e não cotistas, e a virada decolonial nos currículos acadêmicos. A narrativa também integra o pensamento de autores como Muniz Sodré, Donna Haraway e Eduardo Viveiros de Castro, defendendo uma descolonização dos saberes e a inclusão de epistemologias de matriz africana e indígena. Por fim, o artigo sugere que a CTI deve ser orientada por uma governança inclusiva, crítica e comprometida com a transformação social, destacando a importância de se enfrentar as desigualdades estruturais presentes tanto nas inovações tecnológicas quanto nas demandas sociais.

Palavras-chaves: Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI). Ações afirmativas. Justiça restaurativa. Descolonização do saber.

Abstract: This article explores the intersections between Science, Technology, and Innovation (STI) and affirmative action policies within the university context, with a focus on the University of the State of Bahia (UNEB). The narrative is based on reflections developed between 2022 and 2024, anchored in the concept of restorative justice and the view of STI as a common good. The article stems from the 2nd Caleidoscópio Seminar on Affirmative Actions and aims to broaden the debate on inclusion and the democratization of academic practices. The analysis is grounded in the *Caleidoscópio Affirmative Action* project, which investigates the social transformations brought about by quota policies in Brazilian public universities. Among the topics discussed are the expansion of these actions to other marginalized groups, the evaluation of the performance of both quota and non-quota students, and the decolonial turn in academic curricula. The narrative also incorporates the thinking of authors such as

¹ Profa. Dra em Antropologia, atual coordenadora da Agência Uneb de Inovação-UNEB. E-mail: smesseder@uneb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7609-1792>.

² Profa. Dra. em Difusão do Conhecimento, atual reitora da UNEB. E-mail: amarmori@uneb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2020-9090>.

* Artigo recebido em 20 de outubro de 2024. Aceito para publicação em 10 de dezembro de 2024.

Muniz Sodré, Donna Haraway, and Eduardo Viveiros de Castro, advocating for the decolonization of knowledge and the inclusion of epistemologies of African and Indigenous origin. Finally, the article suggests that STI should be guided by inclusive, critical governance committed to social transformation, highlighting the importance of addressing the structural inequalities present in both technological innovations and social demands.

Keywords: Science, Technology, and Innovation (STI). Affirmative actions. Restorative justice. Decolonization of knowledge.

Introdução

Este artigo, intitulado “Reescrevendo Histórias: Narrativas da CTI em Ações Afirmativas”, é fruto de intensas reflexões e debates democráticos sobre a necessidade de integrar ciência, tecnologia e inovação (CTI) às políticas de ações afirmativas no contexto universitário. A narrativa aqui desenvolvida emerge de eventos e diálogos ocorridos entre 2022 e 2024, com o propósito de construir uma governança universitária comprometida com a justiça restaurativa e com a visão da CTI como um bem comum, especialmente no âmbito de uma universidade multicampi como a UNEB. A transformação deste conteúdo, inicialmente apresentado no 2º *Seminário Caleidoscópico das Ações Afirmativas*, em artigo, busca não apenas aprofundar as reflexões, mas também ampliar o alcance do debate democrático acerca das práticas e conceitos que permeiam essas iniciativas.

Em 2022, Adriana Marmorì assumiu a reitoria da Universidade do Estado da Bahia e me convidou para ocupar o cargo de gerente de Pesquisa na Pró-Reitoria de Ações Afirmativas. Aceitei o desafio, que trouxe consigo a organização do *IV Encontro Afirmativa*, o primeiro evento presencial pós-pandemia em uma universidade multicampi. Nesse evento, dois momentos foram fundamentais para a concepção do subprojeto que integraria a Rede Caleidoscópico: primeiro, a presença de Paulo Neves como palestrante; segundo a mesa intitulada “*Nossos egressos e seus caminhos abertos para o mundo do trabalho*”, que contou com a participação de três egressos cotistas – duas pessoas negras, um homem e uma mulher, ambos trabalhadores autônomos, e uma mulher lésbica contratada pela UNEB em regime REDA.

O projeto *Caleidoscópico das Ações Afirmativas: Avaliações, Experiências e Alcances das Políticas de Cotas nas Universidades Públicas*, idealizado e coordenado por Paulo Neves, está em pleno andamento e realiza uma série de estudos de caso sobre as transformações sociais provocadas, direta ou indiretamente, pela introdução das ações afirmativas no Brasil. O projeto busca investigar e avaliar as consequências dessas políticas públicas, com especial atenção à maneira como elas têm impactado a compreensão da questão racial em nossa sociedade. O projeto propõe uma reflexão aprofundada sobre os efeitos e desafios das ações afirmati-

vas, tanto no ambiente universitário quanto fora dele. Entre os temas que têm sido abordados, destacam-se: (1) a expansão das ações afirmativas para outros grupos além dos negros de escolas públicas, como quilombolas, indígenas e pessoas com deficiência; (2) a avaliação do desempenho acadêmico de cotistas e não cotistas; (3) as particularidades das ações afirmativas em universidades estaduais; (4) o impacto dessas políticas na pós-graduação e nas pesquisas; (5) as demandas por mudanças curriculares, como a virada decolonial; (6) os impactos na composição do corpo discente; (7) o fortalecimento de coletivos e do feminismo negro; (8) a inserção dos egressos cotistas no mercado de trabalho; (9) as bancas de heteroidentificação e o jogo das classificações raciais; (10) os efeitos no ensino médio; (11) a história da África como ferramenta para contextualizar o racismo no Brasil; e (12) a abertura do debate público para questões ligadas às desigualdades raciais.

Esse esforço conjunto tem sido viabilizado pelas parcerias já estabelecidas entre os membros do grupo e reforçado pela realização de encontros, simpósios e pela divulgação conjunta dos resultados obtidos, por meio de livros, dossiês em revistas e podcasts. O subprojeto desenvolvido por Suely Messeder, em colaboração com outros docentes da UNEB, foca especificamente na trajetória dos egressos cotistas e suas inserções no mercado de trabalho, um tema central para as ações afirmativas e as discussões sobre justiça social.

Ainda em 2022, Adriana Marmori, reconhecendo a relevância das minhas pesquisas na área de gestão do conhecimento, me persuadiu a assumir a coordenação da Agência UNEB de Inovação. Essa decisão foi fundamentada no fato de que meus projetos de pesquisa contemplavam, além das interseccionalidades (raça, classe, gênero), tecnologias sociais, empreendedorismo, desenvolvimento de software e um museu digital.

Com isso, sinto-me à vontade para reconhecer Adriana Marmori como uma das coautoras do conteúdo que apresentei neste 2º Encontro do Caleidoscópio. A narrativa sobre Ciência, Tecnologia e Inovação em Ações Afirmativas resulta do diálogo que mantivemos sobre a gestão do conhecimento, reforçando a ideia de uma governança universitária orientada pela justiça restaurativa e pelo entendimento da Ciência, Tecnologia e Inovação como bens comuns em uma sociedade democrática. Dessa forma, amplio o escopo da pesquisa desenvolvida como subprojeto do Caleidoscópio para refletir sobre como a Universidade do Estado da Bahia tem internalizado e gerenciado as ações afirmativas em sua estrutura, compreendendo que tais ações vão além da mera implementação de cotas.

Para conduzir esta comunicação, garantindo um lastro epistemológico decolonial – ou, como diria Negô Bispo (2020), contracolonial – e imaginando as confluências que ele nos sugere, precisamos fundamentar a ideia de Justiça Restaurativa e Ubuntu, com especial atenção às elaborações de Wilson Mattos (2018; 2021), que

desenvolveu esses conceitos tendo a UNEB como base. Além disso, é essencial incorporar a ideia de narrativas a partir das reflexões de Donna Haraway(1995;2013) e Chimamanda Adichie (2017), assegurando, ao mesmo tempo, o *Pensar Nagô* de Muniz Sodré(2017) como um fio condutor que une essas perspectivas.

Essa abordagem integra o pensamento crítico, as tradições afro-diaspóricas e a construção de novas formas de justiça e convivência coletiva, ressaltando a importância das narrativas múltiplas e da ancestralidade como pilares de um conhecimento verdadeiramente transformador e plural. Contudo, não somos ingênuos em reconhecer, como nos alerta Wendy Brown (2019), os impactos diretos do neoliberalismo econômico e da crise democrática que nos atingem de maneira contundente, especialmente com a ascensão de governos de extrema-direita. Nesse contexto, a disputa de narrativas torna-se ainda mais acirrada, particularmente quando as campanhas da direita articulam a moralidade tradicional com o neoliberalismo, atacando diretamente as políticas sociais que desafiam e expõem as hierarquias de gênero, raça e classe.

Para tanto, apresentarei cinco grandes ações realizadas, além de uma apoiada pela AUI, no período de 2023 a 2024. Na primeira seção, apresento o *I Encontro de Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI)*, realizado no Parque Tecnológico da Bahia. O evento contou com uma apresentação artística de Edu O., que comunicou sua relação com a cadeira de rodas.

Figura 1: qr code apresentação edu o.



Fonte: Uneb³

Nesta seção, aprofundaremos a conferência de abertura proferida por Eduardo Oliveira, que, a partir do assentamento do *Pensar Nagô*, trouxe a figura mítica de Ogum como patrono da ciência. A imagem utilizada no card do evento teve a intencionalidade de ilustrar as coexistências, uma ideia que se tornou ainda mais marcante no segundo ano do encontro.

³ Todas as imagens usadas neste artigo estão disponíveis no site da Uneb: <https://inovacao.uneb.br/todas-as-noticias/>. Acesso em 30 nov. 2024.

Na segunda seção, apresentamos o evento intitulado *Cenas Unebianas entre Marcas Coletivas e Indicações Geográficas*, cujo objetivo foi mapear projetos que pudessem contribuir de forma agregativa para o desenvolvimento local das comunidades, em relação às suas produções de saberes e fazeres, capazes de gerar marcas coletivas e/ou indicações geográficas. A terceira seção trata do *Cine Inovação*, cuja proposta é repensar as formas de empreendedorismo, tecnologias e inovações. O filme inaugural foi *Pad Man*, cujos significados e lições sobre inovação social serão abordados.

Na quarta seção, apresentamos o evento *Workshop de Inovação: Formação da Incubadora de Startups no Território da UNEB*, além do encontro com Patricia Hill Collins. A última seção volta-se para o *II Encontro Baiano de CTI*, cuja proposta foi consolidar a ideia de coexistência entre alta tecnologia e tecnologias sociais, destacando como devemos enfrentar os grandes desafios das crises climáticas e da sustentabilidade para promover o bem-viver, acreditando na possibilidade de criar uma abertura democrática. Ainda nesta seção, apresentamos o livro e os cadernos de resumo como formas clássicas de refletir sobre a gestão e a difusão do conhecimento científico, reafirmando o compromisso com a produção e disseminação de saberes em uma perspectiva inclusiva e democrática.

Por fim, sinto-me impelida a tecer uma breve reflexão nesta reconstrução da disputa narrativa, tendo como interlocutores Joaze Bernardino Costa e Felícia Silva Picanço, ambos presentes na audiência de nossa comunicação oral e integrantes da Rede. Joaze, a partir de uma perspectiva marxista, nos provoca a refletir sobre como navegaremos de maneira crítica dentro do capitalismo. Já Felícia enfatiza a importância de embasarmos nossas discussões em teorias consistentes, demonstrando particular interesse em reconhecer os autores utilizados na análise.

O PENSAR NAGÔ: a narrativa de mítica e civilizatória em Ogum no Parque Tecnológico da Bahia

Figura 2: card de divulgação do I Encontro baiano de ct&i



O nosso primeiro deslocamento narrativo ocorreu durante a primeira edição do Encontro de Ciência, Tecnologia e Inovação, realizado em parceria com a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação, tendo como local o Parque Tecnológico da Bahia. O evento foi direcionado a atores e atrizes que integram o Ecossistema de Inovação, incluindo o governo, empresários, líderes de startups e as universidades, representadas por seus Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs). Esses núcleos são estruturas criadas por uma ou mais Instituições Científicas, Tecnológicas e de Inovação (ICTs), com ou sem personalidade jurídica própria, e têm como objetivo a gestão de políticas institucionais de inovação, em conformidade com as competências específicas previstas na Lei nº 13.243, de 11 de janeiro de 2016.

A narrativa mítica que posiciona Ogum como patrono da Ciência, Tecnologia e Inovação surge do pedido de Suely Messeder (2023) ao colega Eduardo Oliveira (2023), ambos docentes do Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento. Na emblemática conferência de Oliveira, proferida durante o Encontro Baiano de Ciência, Tecnologia e Inovação, ele diz:

Quero começar saudando o dono do dia, Oxóssi, e seu irmão Ogum, patrono deste evento. Assim entendi, por este vínculo, vindo da demanda, uma palavra do vocabulário de Ogum que, embora pudesse rejeitar, se apresentou como um desafio extraordinário. Sinto-me grato por estar aqui no Parque Tecnológico da Bahia, representando não uma instituição, mas a figura amantíssima e parceira de longa data, Suely. Estou aqui em nome do compromisso e do afeto, as duas correntes de DNA que me acompanham em todos os lugares. Preparar uma palestra é comum, mas sempre espero para ouvir o que está acontecendo. Escutei atentamente e fico feliz em visitar os artistas, homens e mulheres, pois o ouvido é o farinha dos intelectuais e dos artistas. Além de ser o patrono das ciências, tecnologias e inovações, Ogum também simboliza uma junção perfeita entre sensibilidades e razões, ciências e sensibilidades. A escolha de Ogum como patrono deste evento é, sem dúvida, muito própria e apropriada. Quero falar deste lugar: além de professor, pesquisador e ativista, sou também babalaô. Peço licença aos meus ancestrais e a bênção daqueles que me precedem para fazer bom uso, com responsabilidade, da palavra que me foi dada.

Neste trecho inicial, Eduardo Oliveira nos conduz por vários eixos que nos convidam a imaginar uma nova epistemologia do fazer científico: (1) a demanda; (2) o afeto e o compromisso; (3) a escuta; e (4) a indissociabilidade entre ciências e sensibilidades. Em um segundo momento, ele continua:

Renomeei nossa conversa de hoje como ‘ensinar as demandas de Ogum: tecnologia versus fetiche’. Costuma-se opor tecnologia e tradição, especialmente em relação à religião, como se houvesse uma dicotomia entre tecnologia e o sagrado. Curiosamente, aquilo que pertence às tradições de matriz

africana é sempre subsumido no campo religioso e, por isso, tratado como algo que não é científico ou inovador, mas como subdesenvolvido, atrasado e arcaico. Tal leitura ideológica do outro é uma forma de negação radical da alteridade, sem compreender sua dinâmica cultural. Um mínimo de conhecimento das culturas de matriz africana revela seu caráter tecnológico e inovador, inclusive em aspectos religiosos. Muniz Sodré, em seu *Pensar Nagô*, começa com uma reflexão instigante: a filosofia ocidental é a continuação da teologia ocidental por outros meios, pela razão. Assim, ciência e filosofia são extensões da teologia cristã, de maneira racionalizada. Embora se apresentem como rompimentos com paradigmas teológicos, as ciências modernas continuam reproduzindo essa tradição. Essa mesma ciência, então, classifica quem é desenvolvido e quem não é, quem é valorizado e quem não é, marginalizando os africanos e suas culturas.

Neste trecho, destacamos os seguintes pontos: (1) a relação entre tecnologia, fetiche e tradição; (2) a negação da alteridade; (3) a rejeição de outras racionalidades; (4) a racionalização da teologia na filosofia e na ciência eurocêntricas; e (5) o *Pensar Nagô*.

Embora a conferência de Eduardo Oliveira não tenha sido publicada literalmente como artigo, Suely Messeder, com a devida autorização e sob uma perspectiva feminista, apropriou-se dessas ideias para reescrever o artigo *Ogum: uma narrativa em demanda para imaginar e construir a Ciência, Tecnologia e Inovação na Bahia*. Nesse trabalho, Messeder (2024) assegura que a ideia de demanda e a narrativa mítica de Ogum inauguram e consolidam as Ações Afirmativas no campo da CTI. Para que o leitor compreenda essa abordagem, oferecemos uma breve reflexão sobre a figura de Ogum como uma chave para repensar o desenvolvimento científico e tecnológico no contexto baiano.

Baseado no *Pensar Nagô*, o texto desafia a visão ocidental da ciência, marcada pela continuidade entre teologia e filosofia, e propõe uma abordagem integrada e holística do conhecimento, onde ciência e cultura não são dicotomizadas. Messeder (2024) recorre a autores como Muniz Sodré(2017), Donna Haraway(2013) e Eduardo Viveiros de Castro(para argumentar que a prática científica deve dialogar com múltiplas epistemologias, especialmente as de matriz africana e indígenas.

Detalhamento das Seções:

- 1. Epistemologia em disputa:** Analisa como a ciência moderna, segundo Muniz Sodré(2017), carrega raízes teológicas e filosóficas da tradição ocidental, propondo a inclusão de epistemologias de matriz africana para ampliar o escopo do conhecimento científico.
- 2. Os paradoxos retomados e outros assentamentos:** Aborda como a figura de Ogum, segundo Eduardo Oliveira(2023), une o material e o espiritual,

apresentando um contraponto às divisões da ciência ocidental e trazendo a perspectiva do *Pensar Nagô* como uma síntese.

3. **Ogum: uma biografia:** Explora a multifacetada figura de Ogum como o orixá do ferro e da tecnologia, que simboliza tanto o progresso material quanto a conexão espiritual, sugerindo um novo entendimento da inovação.
4. **Tecnologia e fetiche:** Reflete sobre o conceito marxista de fetichização da tecnologia, sugerindo uma visão que reintegre a tecnologia aos valores humanos e comunitários, com base em Enrique Dussel e Karl Marx.
5. **Ciência, Tecnologia e Inovação em Coexistências:** Discute a interdependência entre Ogum, Oxóssi e Logunedé, como figuras que representam uma coexistência harmoniosa entre tradição cultural e inovação tecnológica.
6. **Retomando o texto para entender a ensinagem por Ogum:** Argumenta como a tradição africana, especialmente representada por Ogum, desafia as visões ocidentais de ciência, promovendo uma integração entre tecnologia e espiritualidade.
7. **O perigo do Antropoceno/Capitaloceno na tecnologia:** Examina os riscos de uma visão ocidental de exploração tecnológica, propondo, a partir de Donna Haraway e a narrativa mítica de Ogum, um progresso mais ético e sustentável, respeitando o meio ambiente e as inter-relações humanas.

Com essa estrutura, o artigo sugere que a ciência e a tecnologia podem ser repensadas a partir de uma perspectiva que valorize tanto o conhecimento ocidental quanto as tradições de matriz africana, promovendo um diálogo inclusivo e ético.

A coexistência de Têmis e Iansã na partilha da Justiça dos saberes e fazeres da nossa gente

Figura 3: logomarca do projeto estruturante sobre indicação geográfica, marca coletiva e justiça restaurativa



O processo criativo desenrolou-se de forma intuitiva, mas longe de ser solitário. A construção do logo, ou melhor, de uma das narrativas que envolvem sua criação, decorre de diversos encontros. Antes de adentrar nesses momentos, trago à tona a logo em si, que carrega a utopia de representar um dos projetos estruturantes da Agência UNEB de Inovação, cujos temas centrais são: Indicação Geográfica, Marca Coletiva e Justiça Restaurativa.

Com isso em mente, passo aos encontros. No primeiro card criado para marcar o evento de lançamento do projeto, deparei-me com a figura de Têmis, a deusa grega da justiça, empunhando sua balança. No entanto, essa imagem gerou em mim um profundo vazio existencial. Nesse vazio, minha memória foi acionada, transportando-me ao ano anterior, quando, ainda atuando como Gerente de Pesquisa das Ações Afirmativas, lançamos o livro “A Justiça é uma Mulher Negra”. O evento contou com o valioso debate conduzido por Livia Vaz e Chiara na UNEB, no Cepaia. A partir dessa memória, emergiu em mim a preocupação ética com o cuidado e o respeito à autoria. Solicitei então a autorização de Livia Vaz para que o card não representasse apenas a justiça hegemônica, mas também incorporasse nossa divindade, o orixá Oya. Na capa do livro, Oya aparece segurando, em uma das mãos, a balança, e na outra, sua espada.

Figura 4: card de divulgação das cenas unebianas entre marcas coletivas e indicações geográficas



Em outro encontro, já animada pela ideia de coexistência, mas conduzida pela crítica e pelo desconforto, deparei-me com o que acredito ser o cerne da justiça restaurativa: a coexistência e a abertura ao perdão, acompanhadas da compaixão. Nesse processo, a reconciliação e a comunhão entre justiça restaurativa e justiça racial me fizeram transitar pelas ações afirmativas, não como um ato de redenção estática, mas como um movimento dinâmico.

O encontro seguinte ocorreu quando a UNEB se fez presente no Quilombo do Cabula e reafirmou sua identidade no verbo “unebiar”. Foi nesse contexto que se deu o último encontro, permitindo consolidar nossa logo em diálogo profícuo com o Turismo de Base Comunitária e outras invenções ancestrais do Quilombo, que, a partir de então, também passou a ser parte da UNEB na Bahia Profunda.

É possível afirmar que a UNEB, em sua capilaridade, se destaca como uma das universidades que melhor compreende e vivencia o conceito de Brasil Profundo. Nesse sentido, o trocadilho é pertinente, pois é fundamental entender nossa Bahia Profunda. Alinhada a essa perspectiva, a Agência UNEB de Inovação (AUI) lançou um de seus projetos estruturantes, intitulado Cenas Unebianas: Entre Marcas Coletivas e Indicações Geográficas, cujo objetivo central é mapear e fomentar projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos por nossos(as) docentes, com o potencial de se tornarem estudos de viabilidade para o registro de marca coletiva e indicação geográfica.

Essa política de Propriedade Intelectual da Inovação e Transferência de Tecnologia da UNEB está em consonância com a Resolução 1014/2013, o que torna sua implementação uma continuidade do que já foi instituído. Entretanto, a novidade reside no reconhecimento de que essa inovação não se limita a produtos de alta tecnologia, mas se estende às práticas e saberes tradicionais de nossa Bahia Profunda. Acreditar que podemos identificar inovação nesse contexto é um novo passo. Por isso, a AUI segue comprometida em articular diálogos com as comunidades mais vulneráveis. Como servidores(as) públicos(as) no âmbito universitário, temos o dever de trabalhar pelo desenvolvimento local, em cada departamento onde a UNEB está presente.

A Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI) são nossos pilares enquanto universidade, e a UNEB encontrará, em cada recanto da Bahia, o potencial para valorizar os saberes e fazeres de nossa gente, contribuindo efetivamente para o desenvolvimento responsável e sustentável do nosso estado.

Figura 5: logomarca aui bahia adentro



Um breve diálogo cinematográfico para se repensar o Empreendedorismo, tecnologia social e tradição no âmbito no sistema capitalista extrativista

O pé da Índia a mão da África
O pé no céu a mão no mar

Caetano Veloso

Pensar **empreendedorismo, tecnologia social e tradição** a partir do filme *Pad Man (O Homem Absorvente)* oferece uma análise rica sobre a forma como a inovação pode ser usada para transformar realidades sociais, especialmente quando se enfrenta problemas estruturais e tabus culturais, como no caso da saúde menstrual na Índia.

Figura 6: card de divulgação do cineinovação



O filme destaca o papel fundamental do **empreendedorismo social**, que não visa apenas o lucro, mas a solução de um problema que afeta diretamente a saúde e a dignidade das mulheres. O personagem principal, Lakshmi, ilustra o que significa ser um empreendedor comprometido com um propósito maior. Ele identifica uma necessidade crítica – a falta de absorventes higiênicos acessíveis – e busca, de forma persistente, uma solução. Seu empreendedorismo é movido pela empatia, pela percepção de uma “dor social”, e pela coragem de ir contra as normas culturais para encontrar uma solução.

Lakshmi não apenas cria um produto, mas desenvolve todo um ecossistema de produção e distribuição que gera impacto econômico e social, criando empregos para mulheres e quebrando tabus. Ele demonstra que o empreendedorismo pode ser uma ferramenta poderosa para a transformação social, especialmente quando fundamentado em valores e propósitos que transcendem a simples busca por lucro.

A **tecnologia social** é um conceito fundamental neste contexto. Lakshmi não inventa apenas uma máquina para produzir absorventes; ele desenvolve uma tecnologia adaptada à realidade econômica e cultural das comunidades rurais da Índia. A máquina que ele cria é barata e acessível, permitindo que mulheres de bai-

xa renda possam produzir e comercializar absorventes, resolvendo um problema de saúde pública e, ao mesmo tempo, gerando renda.

A criação de Lakshmi é um exemplo de como a tecnologia pode ser “socializada” – ou seja, desenvolvida para e com as comunidades locais, levando em consideração suas necessidades e capacidades. A tecnologia social difere da tecnologia industrial tradicional porque ela é voltada para o impacto social e econômico, com o objetivo de melhorar a vida das pessoas em situação de vulnerabilidade.

No filme, a tradição desempenha um papel duplo. Por um lado, as tradições culturais relacionadas à menstruação impõem barreiras significativas ao progresso e à inovação, visto que o tema é tratado como tabu, algo “impuro”. Por outro lado, o empreendedorismo de Lakshmi se torna uma forma de desafiar essas tradições, quebrando o silêncio em torno do assunto e promovendo uma nova perspectiva sobre o papel das mulheres na sociedade.

Lakshmi também respeita as tradições em outro sentido: ele entende que, para mudar a mentalidade das comunidades, precisa envolver as próprias mulheres no processo de produção e venda dos absorventes. Ao fazer isso, ele cria um elo entre inovação e tradição, respeitando os valores culturais ao mesmo tempo que os desafia de maneira construtiva.

A partir do filme *Pad Man*, podemos refletir sobre como o **empreendedorismo social** pode alavancar **tecnologias sociais** para enfrentar desafios profundamente enraizados nas **tradições culturais**. O filme mostra que, para que uma inovação tenha impacto real, é necessário não apenas criar um produto ou serviço, mas desenvolver soluções que levem em consideração o contexto social e cultural da comunidade. Lakshmi nos ensina que o verdadeiro empreendedor é aquele que transforma a vida das pessoas ao seu redor, ao criar algo que não apenas resolve problemas práticos, mas também empodera indivíduos e comunidades, gerando udanças duradouras.

O Workshop de Inovação e encontro com Patrícia Hills Collins

Figura 7: card de divulgação do workshop de inovação



Figura 8: card de divulgação evento com Patrícia Hill Collins



O dia 13 de maio marca um momento de grande relevância para a concretização da justiça restaurativa no Estado da Bahia, através da criação de políticas públicas voltadas à capacitação de populações historicamente marginalizadas. No entanto, como avançar nesse objetivo sem ignorar a realidade de profundas desigualdades sociais? A Universidade do Estado da Bahia (UNEB), atenta ao crescimento e aos investimentos em startups, busca estruturar sua própria incubadora, com o propósito de transformar este território de ambição mercadológica em espaços mais humanizadores, menos subjugados pela lógica do mercado extrativista. Aprender a escalar sem criar inutilidades ou provocar esgotamentos ambientais é essencial. Torna-se necessário enfrentar o desemprego estrutural e desenvolver novas lógicas que valorizem nossa condição humana.

Minha participação institucional em dois eventos promovidos pela Agência UNEB de Inovação (AUI) transcende minhas atividades como docente e pesquisadora da UNEB, uma instituição que nos provê com as ferramentas necessárias para acolher grandes figuras, como Patrícia Hill Collins, que nos instiga à reflexão crítica.

O primeiro evento, o Workshop de Inovação, teve como foco a formação da incubadora de startups da UNEB, batizada de Oriré (que em iorubá significa “boa sorte”). Este é um passo fundamental para o desenvolvimento de uma inovação socialmente responsável. O objetivo não é apenas criar empresas, mas fomentar espaços de reflexão e ação que visem uma transformação inclusiva e humanizadora.

O segundo evento, realizado com o apoio da AUI, destacou o feminismo negro e contou com as contribuições críticas de Patrícia Hill Collins, trazendo ao debate suas reflexões sobre as interseções de raça, classe e gênero no contexto do feminismo negro. A questão central que guiei durante o evento foi: como as ideias de Patrícia Hill Collins podem dialogar com a Agência UNEB de Inovação? Para mim, essa conexão é extremamente rica e desafiadora, longe de ser meramente decorativa. Exploro essa relação por meio de três eixos delineados por Collins: a crítica ao feminismo branco, que se coloca como universal; a contraposição com o

feminismo negro, que se dedica à resolução de problemas cotidianos; e a emergência de novos sujeitos do conhecimento, resultado dessa crítica.

Vivemos em um cenário onde a ciência é amplamente dominada pela racionalidade neoliberal, que incentiva o empreendedorismo como solução universal. Nesse contexto, nossas mentes são capturadas por um narcisismo antissocial e pela aversão à diversidade, confinando-nos a um pensamento monolítico. A narrativa da meritocracia, ao sugerir que o sucesso é acessível a todos de forma igualitária, ignora as barreiras sistêmicas que perpetuam as desigualdades. Esse discurso meritocrático reflete-se e amplifica-se na narrativa do empreendedorismo, promovendo a ilusão de que todos têm as mesmas oportunidades, desde que se esforcem. Tal falácia é evidenciada quando observamos o cotidiano das mulheres vendedoras de acarajé, que agora reivindicam a identidade de empreendedoras.

Essa apropriação do discurso do empreendedorismo, muitas vezes incentivada pelo Estado, desconsidera as desigualdades estruturais que sustentam essas atividades. Nos espaços de inovação das universidades, o empreendedorismo é frequentemente promovido sob a mesma lógica meritocrática. Isso nos leva a questionar: o que será de nós, que almejamos uma nova utopia, mas permanecemos atentas aos desafios cotidianos? Nos deparamos com os obstáculos, reelaboramos nossas perguntas e fazemos ecoar nossas inquietações.

É urgente uma reflexão crítica e profunda sobre como promover um ambiente verdadeiramente inclusivo e equitativo, onde as soluções e inovações sejam sensíveis e responsivas às complexas e diversas realidades das nossas comunidades.

A coexistência visível e as narrativas em disputas

Figura 9: card de divulgação do II Encontro Baiano de CT&I



Iniciamos a narrativa do II Encontro Baiano de Ciência, Tecnologia e Inovação a partir de um marco significativo: o lançamento do Fórum dos NITs da Bahia, resultado de diversas reuniões anteriores entre os Núcleos de Inovação Tec-

nológica (NITs). Este evento foi estrategicamente concebido para promover a coexistência de diferentes visões e práticas, representadas pela formação de uma rede colaborativa e pelo fortalecimento dos territórios institucionais em nosso Estado. Contudo, algumas questões fundamentais surgem: para onde queremos conduzir esse processo? Com quem e para quem estamos construindo essas iniciativas? A simples expansão das hélices no Ecossistema de Inovação será suficiente para resolver nossos desafios? Ou será necessário buscar novas formas de imaginação e práticas mais democráticas, que reconheçam as desigualdades e paradoxos em um cenário onde alta tecnologia e tecnologia social coexistem de maneira desigual?

A parte da manhã foi dedicada à análise crítica e aos desafios relacionados às Indicações Geográficas e Marcas Coletivas, com ênfase nas suas interações com as comunidades locais. A ideia central foi refletir sobre como essas ferramentas podem fortalecer a conexão entre inovação tecnológica e desenvolvimento social. À tarde, no dia 13 de junho, líderes de startups trouxeram à tona suas frustrações em relação ao papel das universidades no acompanhamento dos egressos no mercado de trabalho, ressaltando que o discurso predominante sobre empreendedorismo frequentemente reforça a meritocracia, sem levar em conta as disparidades sociais.

Além disso, durante a manhã, pesquisadores apresentaram trabalhos sobre temas variados, como saúde, robótica, energias renováveis e inteligência artificial. Embora alguns tentem manter uma aparência de neutralidade, ficou claro que as orientações político-ideológicas estão sempre presentes. Esse contexto reforça a urgência de uma coalizão que assegure que a ciência, especialmente em tempos de alta tecnologia, esteja profundamente comprometida com a justiça social e a inclusão.

Na abertura do evento, reafirmamos nosso compromisso em construir uma Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI) que compreenda e valorize as complexidades inerentes à coexistência entre alta tecnologia e tecnologia social. No entanto, essa coexistência está longe de ser harmoniosa ou equitativa. A lógica individualista de “farinha pouca, meu pirão primeiro” reflete as desigualdades estruturais, onde a competição pelo sucesso individual prevalece sobre o bem-estar coletivo. Precisamos investir na descolonização dos saberes e práticas, reconhecendo que transformar a Bahia e seu ecossistema científico e tecnológico requer enfrentar as contradições e as realidades diversas que permeiam tanto as inovações tecnológicas quanto as demandas sociais.

Por fim, estamos consolidando nossas ações em eventos que promovam uma difusão do conhecimento alinhada com essa visão de coexistência. Isso inclui a elaboração de cadernos de resumos com ISSN, que oferecem aos nossos pesquisadores e pesquisadoras mais uma via para a divulgação científica, além da publicação de livros por editoras universitárias, com comissões científicas e pareceristas ad-hoc, garantindo o rigor e a relevância científica desses trabalhos.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, enfatizou-se a necessidade de articular Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI) a partir de uma perspectiva que integre múltiplas epistemologias, especialmente as de matriz africana, promovendo a justiça restaurativa e o bem comum. O conceito de “coexistência” foi fundamental para refletirmos sobre as interações entre alta tecnologia e tecnologias sociais, bem como para destacar a importância das tradições e narrativas afro-diaspóricas na construção de um conhecimento plural e transformador.

Os eventos analisados demonstraram como a UNEB tem se posicionado como uma instituição comprometida com a promoção de políticas de inovação que reconheçam as interseccionalidades e busquem soluções para as desigualdades estruturais. A narrativa mítica de Ogum como patrono da CTI, aliada ao *Pensar Nagô* de Muniz Sodré (2017), fornecem bases teóricas que desafiam as dicotomias tradicionais da ciência ocidental, propondo uma epistemologia mais integrada, que respeite as dimensões espirituais, culturais e sociais do saber.

Contudo, não podemos ignorar as dificuldades impostas por um contexto marcado pela crise democrática e pelo neoliberalismo econômico, como nos alerta Wendy Brown (2019). Em tempos de retrocessos políticos, é preciso estar atentos à forma como as políticas de inovação e as narrativas de progresso são frequentemente moldadas pela lógica do mercado extrativista, que exacerba as desigualdades de gênero, raça e classe. A disputa narrativa, especialmente em um ambiente dominado pelo neoliberalismo, torna-se ainda mais acirrada, e os espaços de produção do conhecimento passam a ser arenas onde se articulam interesses de poder.

A *Rede Caleidoscópio*, com seu enfoque nas ações afirmativas e na justiça restaurativa, oferece um espaço vital para a construção de abordagens teóricas e críticas sobre a realidade brasileira, permitindo-nos imaginar as ações afirmativas para além das cotas. A rede incentiva um pensamento crítico que abrange a totalidade do processo de inclusão, questionando as formas hegemônicas de pensar a cidadania e abrindo espaço para um projeto descolonial mais agudo e transformador. Este projeto não apenas desafia a implementação superficial de políticas de inclusão, mas também propõe uma reconfiguração mais profunda das estruturas de poder e da distribuição de oportunidades.

As ações afirmativas, sob essa ótica, não podem ser vistas apenas como medidas paliativas, mas como parte de um processo de descolonização do pensamento e das práticas sociais e institucionais. É necessário repensar o papel das universidades e demais instituições públicas na promoção de uma cidadania plena e equitativa, que valorize a diversidade e combata as hierarquias impostas pela colonialidade do poder. A descolonização do saber deve ser central neste processo, como nos propõem pensadores como Donna Haraway e Eduardo Viveiros de Cas-

tro, ao sugerirem que o diálogo com epistemologias não ocidentais é essencial para criar novas formas de conhecimento e inclusão.

Portanto, o projeto *Caleidoscópio* se torna um convite para que pensemos de forma coletiva, com base em uma abordagem caleidoscópica que valorize a diversidade e a multiplicidade de perspectivas. Para transformar a Bahia e seu ecossistema científico e tecnológico, é essencial lidar com as contradições que permeiam tanto as inovações de ponta quanto as demandas sociais mais urgentes, sempre em sintonia com os princípios de justiça social e inclusão.

A UNEB, por meio de suas ações e eventos, reafirma seu compromisso com a construção de uma CTI inclusiva, democrática e voltada para o bem-estar coletivo. Para que as iniciativas em ciência e inovação promovam transformações reais, é imperativo superar as barreiras impostas pela desigualdade entre alta tecnologia e tecnologias sociais. Somente através de uma abordagem descolonial, crítica e caleidoscópica será possível criar um ecossistema de inovação mais justo, equitativo e responsivo às necessidades da nossa população.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BISPO, Antonio (Nego Bispo). **Colonialismo e quilombos: conversas sobre a dominação e a libertação a partir do território**. São Paulo: Dandara Editora, 2020.

BRASIL. Lei nº 13.243, de 11 de janeiro de 2016. Dispõe sobre estímulos ao desenvolvimento científico, à pesquisa, à capacitação científica e tecnológica e à inovação. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 12 jan. 2016.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Politeia, 2019.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. In: *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HARAWAY, Donna. Testemunha Modesta@Segundo Milênio.FêmeaMan@Meio Cibernético: feminismo e tecnociência. In: **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HARAWAY, Donna. Gênero para um Dicionário Marxista: A política sexual de uma palavra. In: ALMEIDA, Jane S. H.; GUIMARÃES, Lia F. G. **Gênero, ciência e tecnologia**. São Paulo: Ed. UNESP, 1995.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu, Campinas**, n. 5, p. 7-41, 1995.

MATTOS, Wilson Roberto de. Ubuntu e ações afirmativas: ensaio sobre possibilidades analíticas e prescritivas. *In*: Flávia Alessandra de Souza. (Org.). **Ações afirmativas no Brasil contemporâneo: dinâmicas e perspectivas**. 1ed. Ilheus: Editus, 2021, v. 1, p. 35-53.

MATTOS, Wilson Roberto de. UBUNTU – Por uma outra interpretação de Ações Afirmativas na Universidade. *In*: Joaze Bernardino Costa; Nelson Maldonado Torres; Ramón Grosfoguel. (Org.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, v. 1, p. 319-339.

MESSERDER, Suely Aldir. **Ogum, uma narrativa em demanda para se imaginar e construir a ciência, tecnologia e inovação na Bahia**. *In*: MESSEDER, Suely Aldir; MARMORI, Adriana; CARVALHO, Fernando (orgs.). **Ciência, tecnologia e inovação em demanda**. Salvador: Eduneb, 2024. (No prelo).

OLIVEIRA, Eduardo. Ogum, patrono da CTI na Bahia. *In*: **Encontro Baiano de Ciência, Tecnologia e Inovação**, 2., 2023, Salvador. Disponível em: Dia 15/06: Mesa de Abertura do Encontro Baiano de Ciência Tecnologia e Informação. (youtube.com). Acesso em: 29 de setembro de 2024.

PAD MAN. Direção de R. Balki. Índia: Sony Pictures, 2018. 140 min. Filme.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô: uma epistemologia afro-brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.